

## MÚSICA

Compositor lança o disco instrumental “Rio aberto”, inspirado nas afinações que aprendeu em viagens ao Vale do Urucuia. Sonoridade tradicional dialoga com timbres contemporâneos

# MAKELY KA CAI DE AMORES PELA VIOLA

AUGUSTO PIO

Um disco instrumental de violas. Assim é “Rio aberto”, álbum do cantor, compositor e instrumentista Makely Ka lançado recentemente nas plataformas digitais. O novo trabalho integra a “Trilogia dos sertões”, iniciada com “Cavalo motor” (2015) e que será encerrada com “Triste entrópico”. O repertório reúne 12 faixas autorais batizadas com nomes de cursos d’água e rios, além de uma composição de Tavinho Moura.

Dez músicas remetem a afluentes do São Francisco. Outras duas se inspiraram em rios que deságuam no mar, o mineiro Doce e o Vaza-Barris, que banha Canudos, no sertão baiano. “Tento simular o movimento desses rios, os sons de suas corredeiras, quedas d’água, seus poços profundos”, diz o compositor.

**CURIOSIDADE** “Rio aberto” é o quinto álbum solo de Makely – ele lançou sete discos, alguns em parceria com amigos. O novo trabalho surgiu de sua curiosidade em relação à sonoridade da viola de 10 cordas, a partir da viagem que fez pelo Vale do Urucuia, no Noroeste de Minas. Lá, Makely aprendeu a afinação “rio abaixo”, muito utilizada pelos músicos da região.

Nesse novo álbum, rios e cursos d’água costumam elementos da geografia, história e literatura, ligando o sertão de Guimarães Rosa aos sertões de Euclides da Cunha e ao universo mítico de Elomar.

Makely comenta que busca chamar a atenção para a devastação imposta à natureza, por meio de sua música. “Rio aberto” tem pegada ambiental também, é uma denúncia, homenagem para os rios Doce e Paraopeba, tão devastados pela mineração”, diz.

Composições experimentais dialogam com a tradição popular, incorporando a microtonalidade, a polirritmia e a pesquisa de timbres contemporâneos. Tocando sua 10 cordas, Makely homenageia Manoel de Oliveira, Renato Andrade, Tavinho Moura, Almir Sater, Heraldo do Monte, Paulo Freire e Ivan Vilela – referências da viola para ele.

“Rio aberto” surgiu desprentiosamente. “Digo isso porque, até então, não tocava vio-

la”, explica Makely Ka. “Comecei a tocar e a compor nesse instrumento há cerca de três anos. Até tive uma viola, mas dei de presente a um amigo, que mora hoje na Alemanha, o João Nogueira”.

Ele comprou outra quando afinações inusitadas chamaram a sua atenção. “Não sou da música instrumental nem violeiro de fato. Porém, ao compor, as músicas iam fluindo feito água e resolvi gravar o disco”, comenta. Com exceção de “Encontro das águas”, canção de Tavinho Moura, todo o repertório foi composto por Makely.

“Somos praticamente eu e a viola nesse disco. Tem três músicas com Gustavo de Souza, que faz o violão comigo; outras duas com baixo, uma com o Paulinho Sartori e outra com o Rodrigo Quintela. Quatro têm arranjos de violoncelo que o Avelar Júnior escreveu e o Felipe José toca”, explica.

Agora, Makely Ka tomou gosto



ROSA ANTUÑA/DIVULGAÇÃO

Makely Ka diz que seu disco, além da música, tem “pegada ambiental” e denuncia a devastação dos rios

pelo instrumento. “Estou fazendo músicas de viola numa onda meio folk, talvez elas virem disco. São coisas meio Neil Young, até toco uma dele na viola.”

**ROSA E EUCLIDES** O primeiro álbum da trilogia, “Cavalo motor”, é inspirado no sertão de Guimarães Rosa. O próximo terá canções ligadas ao universo de Euclides da Cunha.

Compositor requisitado, Makely Ka, de 46 anos, tem canções gravadas por Lô Borges, Samuel Rosa, Titane, Nã Ozzetti e José Miguel Wisnik. Entre outros discos, lançou “Autófago”, “Suíte onírica”, “Danaide” e “Cavalo motor”, esse último com a participação de Arto Lindsay, Susana Salles, Décio Ramos (ex-Uakti) e O Grivo.

“  
Não sou da música instrumental nem violeiro de fato. Porém, ao compor, as músicas iam fluindo feito água”

□ Makely Ka, compositor e instrumentista

KUIARUP/REPRODUÇÃO

**“RIO ABERTO”**

Disco de Makely Ka  
Kuaurup  
13 faixas

Disponível nas plataformas digitais